

A travessia do narrativo para o dramático no contexto educacional

Cristiane Santos Barreto¹

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA - mestranda

Processos educacionais – Pedagogia do teatro – Or. Prof. Dr. Daniel Marques

Professora de Artes/ Teatro – Educação básica e Educação profissional

Resumo: Esta comunicação pretende expor a pesquisa metodológica de ensino de teatro a partir dos três eixos de ensino-aprendizagem presentes nos PCNS (Artes – Teatro – Ensino Fundamental – 3º e 4º ciclos): O fazer, o contextualizar e o apreciar. A ênfase dada no eixo da contextualização se refere ao estímulo e reflexão sobre o ensino de dramaturgia no âmbito escolar por meio da prática de construção da adaptação de texto narrativo para texto dramático, com o objetivo de incentivar o conhecimento dramático na escola e com isso, proporcionar a formação de plateia e a formação do aluno-leitor para gêneros diversos.

Palavras-chave: teatro, arte-educação e dramaturgia

Busca-se nesta comunicação apresentar algumas reflexões sobre o ensino de teatro no espaço-tempo escolar do ensino fundamental, saberes e fazeres que dialoguem com essa prática, por meio da pesquisa iniciada no curso de mestrado (2010) sobre a adaptação de textos narrativos² para textos dramáticos³ como possibilidade de inserção do ensino de dramaturgia no cotidiano escolar, estímulo à formação de plateia e a formação do aluno-leitor.

Diante de propostas pedagógicas que incluem a disciplina Artes/Teatro na matriz curricular obrigatória do ensino fundamental, pode-se aplicar a proposta triangular⁴: Fazer, Conhecer e Apreciar como eixo de ensino-aprendizagem, presentes nos PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais – Artes – Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos) - MEC,

¹ - Graduada em Interpretação Teatral e Licenciatura em Artes Cênicas – UFBA – Especialista em Metodologia do Ensino Superior – Pós-Graduação Olga Mettig – Mestranda em Artes Cênicas – PPGAC – UFBA. OPA – Oficina de Preparação de Ator – extinto curso de extensão da Escola de Teatro – UFBA (1998 e 1999), Colégio Joan Miró – ensino fundamental e médio (2002 a 2008), Colégio Mendel – ensino fundamental (2006 a 2009), Colégio Vitória Régia – ensino fundamental (2007 a 2008); Colégio Apoio – ensino fundamental e médio (2007), Escola Sulamericana (2009), Projeto Viver com arte – FUNCEB (2005 e 2006), Oficina de construção da personagem – texto/base História de Uma Lágrima Furtiva de Cordel inspirado em A Hora da Estrela de Clarice Lispector (Sitorne 2009, Castro Alves – BA 2009 e Teatro XVIII 2010) e Centro Estadual de Educação Profissional em Artes e Design (2009).

² O termo aqui designado de “texto narrativo” é justificado por Anatol Rosenfeld (1997, p. 18) “Se nos é contada uma estória (em verso ou em prosa), sabemos que se trata de Épica, do gênero narrativo. Espécies deste gênero seriam, por exemplo, a epopéia, o romance, a novela, o conto”.

³ O termo aqui designado de “texto dramático” é justificado por Anatol Rosenfeld (1997, p.18): “E se o texto se constituir principalmente de diálogos e se destinar a ser levado à cena por pessoas disfarçadas que atuam por meio de gestos e discursos no palco, saberão que estamos diante de uma obra dramática (pertencente à Dramática). Neste gênero, integraria as espécies, como por exemplo, a tragédia, a comédia, a farsa, a tragicomédia, etc.”

⁴ A proposta triangular, presente nos PCNs, foi difundida no Brasil por Ana Mae Barbosa nos anos 80 quando era diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC – USP).

1996, que cumprem o papel, apesar da resistência e críticas levantadas por muitos teóricos da área de arte-educação, de orientar de maneira flexível o arte-educador, no que se refere ao planejamento, metodologia, justificativa, objetivos, avaliação e construção do cotidiano pedagógico da área de Artes na matriz curricular.

Ao optar pela proposta triangular: Fazer, Conhecer e Apreciar como eixo de ensino e aprendizagem, os conteúdos precisam ser selecionados e distribuídos entre os ciclos de maneira gradual, para que essa seleção contemple temas que possam favorecer determinado ciclo, determinada turma e determinada escola. Deve-se ter cuidado nas escolhas para não enfatizar o conhecimento teórico e deixar de lado o fazer ou a apreciação, por exemplo.

As atividades interdisciplinares se forem bem planejadas e realizadas podem trazer excelentes projetos didáticos como, por exemplo, a adaptação de uma obra literária ou cinematográfica para o teatro é uma atividade que pode ser realizada de maneira interdisciplinar, por exemplo, com Língua Portuguesa e História e desenvolver, com isso, o multiculturalismo, a intertextualidade, a leitura, criação e produção de texto com os alunos, contemplar com isso o eixo de ensino-aprendizagem: Conhecer.

É importante no momento em que os alunos façam leituras de um texto narrativo ou texto dramático, seja realizada a contextualização, informar dados sobre a obra, como por exemplo, o estilo desse texto, as referências do autor, o contexto histórico no qual está inserida, as comparações com a atualidade e com as culturas as quais estão vinculadas. Sobre isso, no eixo de ensino-aprendizagem: Conhecer, presente no PCNS (1996) de Artes/Teatro do ensino fundamental, destaca-se a “compreensão e distinção de diferentes formas de construção das narrativas e estilos: dramas, comédias, farsas, melodrama, dentre outros” e mais adiante “a pesquisa e leitura de textos dramáticos identificando sua estrutura, as intenções das personagens e as soluções de enredo”.

Em consonância com os PCNS (1996) de Artes/Teatro, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNS (1998), do ensino fundamental (3º e 4º ciclos), na área de Língua Portuguesa, enfatizam que a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a partir do desenvolvimento da sua competência leitora esse aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas. Essa competência, por sua vez, será construída pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definido de diversos gêneros textuais.

Existe um debate em todas as linhas pedagógicas, tanto na escola particular como na escola pública, sobre como incentivar e estimular os alunos em relação à leitura diante da perspectiva das novas tecnologias. É muito comum os educadores dizerem: “os alunos não leem”. Acredita-se que essa afirmação precisa ser analisada a depender do

ponto de vista que se trata “leitor” e “leitura” no âmbito educacional. Ao considerarmos que os alunos leem o que se sentem atraídos ou com vontade, como por exemplo, vídeo games, TV, novelas, sites, clips, filmes, músicas, salas de chat, jornais de esporte, revistas, dentre outros, teremos então, tipos de leitores e leituras específicas. Ao propor a leitura de um texto narrativo, assim como um texto dramático, é necessário observar a polissemia inesgotável de sentidos que estes gêneros possuem, ou seja, cada leitor participa do diálogo com o autor, e compreende os signos apresentados no texto, de maneira própria, de acordo com a sua experiência pessoal, sua trajetória, sua posição social, seu ponto de vista. Pode-se afirmar diante disso, que o leitor nessa busca de sentidos elaborados pelo autor, pode ser visto como um co-autor. Importante ressaltar que o leitor contemporâneo diante das novas tecnologias, por exemplo, não é mais um mero receptor de informação, mas é estimulado a interferir, manipular, modificar e re-inventar. A ação educativa proposta por meio da adaptação de texto narrativo para texto dramático é uma provocação dialógica (DESRANGES, 2006) em que os alunos (leitores), nos diferentes gêneros textuais e contextos, por meio de estímulos efetivarão um ato produtivo, elaborando reflexivamente conhecimentos tanto sobre o gênero narrativo ou o gênero dramático, quanto acerca de aspectos sócio-histórico-culturais presentes tanto na realidade ficcional, como na própria realidade que estão inseridos.

A reflexão se faz necessária devido ao fato de que os alunos na maioria das vezes não costumam extrair de suas leituras maiores informações, fazem apenas uma leitura superficial, sem olhar crítico. Ler bem é melhor do que ler muito, e os alunos só poderão ter um ávido interesse por livros de literatura, textos científicos, textos dramáticos, dentre outros, quando descobrirem o prazer e a importância de se fazer leituras críticas. Sem fazer uma leitura mais aprofundada dos textos aos quais se submetem acabam sendo passivos quanto à informação apresentada.

Um fator também importante a ser observado é a escolha do texto. No ensino de teatro do ensino fundamental (3º e 4º ciclos) é comum observar o questionamento dos professores e das turmas, no momento da escolha de qual texto narrativo adaptar, ou qual texto dramático montar ou ainda, qual texto construir de maneira colaborativa⁵ por meio das improvisações feitas com os alunos. De acordo com Jean- Pierre Ryngaert (2009), já existe uma demanda de professores de teatro que buscam formas que não são submissas exclusivamente ao texto dramático. Destaca a importância do momento da escolha do texto:

⁵ “O texto não existe *a priori*, vai sendo construído juntamente com a cena, requerendo com isso a presença de um dramaturgo responsável. (...) Todo o material criativo (ideias, imagens, sensações, conceitos) deve ter expressão na forma de cena – escrita ou improvisada/representada. (...) Não existe um modelo único de processo colaborativo. Em linhas gerais, ele se organiza a partir da escolha de um tema e do acesso irrestrito de todos os membros a todo o material da equipe.” (GUINSBURG, FARIA, LIMA, p. 253, 2006).

As obras podem ser levadas às aulas de teatro pelos alunos ou escolhidas pelo formador. Quando se propõe aos alunos que escolham as obras, é com o intuito de que elas sejam de seu interesse, que eles tenham com essas obras uma relação intelectual e/ ou sensível que lhes dê vontade de partilhar seus gostos e de executar um trabalho de descoberta em torno delas. Se o professor propõe obras, ele escolhe um conjunto de textos que lhe são familiares e representam um amplo leque de possibilidades. É ele então quem decide as induções e introduz no grupo um universo sensível que lhe é próprio ou considera “bom” para a turma. (RYNGAERT, p. 182 e 183, 2009).

Diante disso, como ferramenta para o incentivo a formação de plateia e formação do aluno-leitor, as atividades de adaptação de textos narrativos para textos dramáticos, podem estimular a competência leitora dos alunos. Sobre adaptação de textos diversos, é importante ressaltar que a forma mais conhecida de adaptação é a travessia⁶ de uma obra de um gênero para outro. Segundo Patrice Pavis:

A adaptação designa o trabalho dramático a partir do texto escolhido para ser encenado. Todas as manobras textuais são permitidas: cortes, reorganização da narrativa, “abrandamentos” estilísticos, redução do número de personagens ou dos lugares, concentração dramática em alguns momentos fortes, acréscimos e textos externos, montagem e colagem de elementos alheios, modificação da conclusão e modificação da fábula em função do discurso da encenação. (PAVIS, 1999, p.52).

Para finalizar, outro fator que é importante observar no qual o arte-educador deve atentar-se, na sua função também de formador de plateia. Trazer para os alunos o conhecimento por meio da história do Teatro, dos estilos, dos dramaturgos, das diferentes dramaturgias e principalmente, a cena contemporânea brasileira, que assim como no resto do mundo, as regras básicas do gênero dramático, construção de diálogos, personagens, conflitos, dentre outros, não mais se aplicam diante de muitos textos que são levados à cena. Como afirma Maria Lucia Pupo:

Hoje, textos de toda e qualquer natureza, escritos para serem representados ou concebidos para outros fins, podem ir para a cena; não é mais necessariamente o modo da escrita que caracteriza o teatro. Assim, a ficção entranhada em romances, contos, poesias, fábulas, mas também as considerações presentes em cartas, depoimentos, biografias, notícias, documentos históricos constituem atualmente matéria-prima de concepções cênicas (PUPO, p.2, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁶ A autora deste artigo justifica a utilização do termo “travessia” para designar a prática da adaptação de textos diversos como uma espécie de travessia de um determinado texto para outro. Já que o significado da palavra travessia é o “ato ou efeito de atravessar região, continente, mar, etc.” (FERREIRA, p.685, 2002).

BARBOSA, Ana Mae (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio – século XXI. *O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

GUINSBURG, J.; FARIA, João R.; CARDOSO, LIMA, Mariângela A (Orgs.) *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PAVIS, Patrice. *Dicionário do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. *Entre o mediterrâneo e o atlântico: uma aventura teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo. Perspectiva, 1997.

RYNGAERT, Jean – Pierre. *Jogar, representar*. São Paulo: Cosacnaif, 2009.

VÁRIOS. *PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais - Artes*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1996.

VÁRIOS. *PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua portuguesa*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.